

# Práticas integrativas e complementares em saúde no cotidiano de crianças com câncer

## *Integration and complementary practices in health in the daily of children with cancer*

Andréa Raquel Fernandes Carlos da Costa<sup>2</sup> • Renata Soraya Rocha e Silva<sup>3</sup> • Rúbia Mara Maia Feitosa<sup>4</sup>  
Kalyane Kelly Duarte de Oliveira<sup>5</sup> • Wesley Adson Costa Coelho<sup>6</sup>

### RESUMO

O objetivo da pesquisa foi investigar o uso de práticas integrativas e complementares em saúde no cotidiano de crianças com câncer. Trata-se de um estudo quanti-qualitativo realizado em hospital de referência no município de Mossoró-RN, cuja população do estudo foram os pais das crianças que realizam tratamento contra o câncer. Utilizou-se formulário enquanto instrumento de coleta. Os dados quantitativos foram organizados em tabelas de distribuição de frequência, expressos em valores de frequência simples e porcentagem através do programa estatístico SPSS versão 23.0, enquanto as informações qualitativas foram avaliadas mediante análise de conteúdo. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade de Enfermagem e Medicina Nova Esperança sob CAAE 88535118.5.0000.5179. Observou-se que 23,80% das crianças com câncer utilizam as práticas integrativas e complementares durante o tratamento, porém 80,0% destas práticas não são indicadas por profissional de saúde. Entretanto, 60% informam ao médico sobre a sua utilização. Os pais referem as práticas alternativas como ferramenta para o êxito do tratamento; para o conforto e alívio das preocupações e do estresse e, por fim, como mecanismo para evitar os efeitos colaterais. As crianças fazem uso de práticas integrativas e complementares em saúde com caráter totalmente complementar ao tratamento convencional.

**Descritores:** Medicina complementar; Câncer; Tratamento.

### ABSTRACT

The objective of this research was to investigate the use of integrative and complementary practices in health in the daily of children with cancer. This is a quantitative-qualitative study realized in a referral hospital in the city of Mossoró-RN, whose population was the parents of children who underwent cancer treatment. A form was used for data collect. The quantitative data were organized into frequency distribution tables, expressed in simple frequency and percentage values through the statistical program SPSS version 23.0, while qualitative information was evaluated through content analysis. The research was approved by the Ethics and Research Committee of the Faculty of Nursing and Medicine Nova Esperança under CAAE 88535118.5.0000.5179. It was observed that 23.80% of children with cancer use integrative and complementary practices during treatment, but 80.0% of these practices are not indicated by health professionals. However, 60% tell their doctor about its use. Parents refer to alternative practices as a tool for successful treatment; for the comfort and relief of worries and stress and, as a mechanism to avoid the side effects. Children use PICs with complementary character to conventional treatment.

**Descriptors:** Complementary medicine; Cancer; Treatment.

### NOTA

1 Manuscrito é oriundo da monografia intitulada "Práticas Integrativas e Complementares em Saúde no cotidiano de crianças com câncer", pertencente a acadêmica Renata Soraia Rocha e Silva da Faculdade Nova Esperança de Mossoró, durante o semestre 2018.2, e desenvolvido com financiamento próprio.

2 Faculdade Nova Esperança de Mossoró. Docente dos Cursos da Saúde. Doutora em Engenharia Agrícola pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. E-mail: andreacosta@facenemossoro.com.br. Endereço: Antonio Vieira de Sá, 01. Bairro: Nova Betania. CEP: 59612-100. Mossoró/RN. Brasil.

3 Enfermeira. Graduada pela Faculdade Nova Esperança de Mossoró.

4 Faculdade Nova Esperança de Mossoró. Docente dos Cursos da Saúde. Mestre em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde pela Universidade Estadual do Ceará.

5 Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Docente dos Cursos da Saúde. Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

6 Faculdade Nova Esperança de Mossoró. Docente dos Cursos da Saúde. Doutor em Ciências Animal pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido.

## INTRODUÇÃO

As Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) são tratamentos que complementam a medicinal convencional, por meio do uso de recursos terapêuticos baseados em conhecimentos tradicionais voltados a cura e prevenção de doenças, podendo ser utilizadas em conjunto com medidas farmacológicas da medicina convencional, satisfazendo as demandas não encontradas na medicina ortodoxa<sup>(1)</sup>.

Essas práticas contemplam recursos terapêuticos que buscam estimular os mecanismos naturais de prevenção de agravos e recuperação da saúde. Esse estímulo ocorre por meio de tecnologias eficazes e seguras, com ênfase na escuta acolhedora, no desenvolvimento do vínculo terapêutico e na integração do ser humano com o meio ambiente e a comunidade. Outros pontos compartilhados pelas diversas abordagens desse campo são a visão ampliada do processo saúde-doença e a promoção global do cuidado humano, especialmente do autocuidado<sup>(2)</sup>.

A atuação especializada ou segmentada sobre o processo saúde doença possibilita avanços importantes nos estudos sobre a saúde humana, no entanto, este tipo de clínica anatomopatológica ainda não conseguiu atender plenamente toda as necessidades de saúde da população. O descontentamento com o modelo biomédico leva muitas pessoas a procurarem formas alternativas de tratamento, de modo que, atualmente a sociedade vem resgatando de forma marcante os conhecimentos de culturas tradicionais<sup>(3)</sup>.

No Brasil, a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) foi aprovada em 2006 no Sistema Único de Saúde, tendo destaque para a acupuntura, a homeopatia, a fitoterapia, o termalismo, crenoterapia e a medicina antroposófica. A referida política foi publicada na forma das portarias nº 971, em 3 de maio de 2006, e nº 1.600, em 17 de julho de 2006. Recentemente, mais especificamente em março de 2017, no âmbito nacional, foi lançada a portaria 849/2017 que aborda a inclusão de 14 novas práticas de saúde: arteterapia, biodança, reiki, shantala entre outros<sup>(4)</sup>.

A PNPIC contribui para a ampliação do acesso e diversidade de práticas de saúde ofertadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), de forma segura e racional, por profissionais de saúde qualificados. Atualmente, cerca de 54% dos estados brasileiros apresentam em sua Rede de Atenção à Saúde as Práticas Integrativas e Complementares. Segundo as informações do Departamento Nacional da Atenção Básica, Ministério da Saúde (MS), as práticas estão distribuídas nos diversos níveis de atenção à saúde: Atenção Básica (78%); Média Complexidade (18%) e Alta Complexidade (4%)<sup>(5)</sup>.

O estado do Rio Grande do Norte, por exemplo, estabeleceu o uso das PICs na rede pública de saúde, a

partir da regulamentação da Política Estadual de Práticas Integrativas e Complementares (PEPIC). Segundo a Portaria nº 274, de 27 de julho de 2011, esta política tem o objetivo de promover a elaboração e o fortalecimento de todas as atividades relacionadas a este tema, desenvolvidas na Secretaria Estadual de Saúde<sup>(6)</sup>.

Nessa perspectiva, tem havido um crescimento exponencial no interesse e no uso das medicinas alternativas e complementares, e estas podem ser usadas de forma integrada com a medicina convencional no tratamento de diversas doenças, como por exemplo, do câncer infantil. Em estimativa realizada pelo Instituto Nacional do Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA), no Brasil, para o ano de 2014, o número de casos de câncer por ano em crianças e adolescentes com até 19 anos de idade pode chegar a 11.840. As regiões Sudeste e Nordeste apresentarão os maiores números de casos novos, 5.600 e 2.790, respectivamente, seguidas pelas regiões Sul (1.350 casos novos), Centro-Oeste (1.280 casos novos) e Norte (820 casos novos)<sup>(7)</sup>.

Em decorrência dos avanços no tratamento do câncer e devido à associação de várias modalidades terapêuticas, como radioterapia, cirurgia e poliquimioterapia, estima-se a sobrevivência de 70% das crianças acometidas por esta doença, se tratadas em um centro especializado e por uma equipe treinada. Porém, são tratamentos longos, intensos e por muitos momentos os pais se sentem impotentes para atender às necessidades de cuidados de saúde das crianças e adolescentes e, assim, utilizam outras práticas, que não a tradicional, também como terapêutica<sup>(8)</sup>.

Nesse sentido, objetiva-se por meio da presente pesquisa investigar o uso de práticas integrativas e complementares em saúde no cotidiano de crianças portadores de câncer de um hospital referência no tratamento da região do Alto Oeste Potiguar. Percebe-se a importância de publicações científicas nesta área, contribuindo para a sua legitimidade, através do maior conhecimento sobre a eficácia e a qualidade das práticas com crianças em tratamento de câncer.

## MÉTODOS

Trata-se de um estudo qualitativo de caráter descritivo e exploratório. A pesquisa foi realizada na Liga Mossoroense de Estudos e Combate ao Câncer (LMECC) localizada no município de Mossoró-RN. A Liga foi fundada em 2000, sendo uma entidade sem fins lucrativos e de caráter exclusivamente filantrópico, oferecendo assistência especializada em oncologia pelo Sistema Único de Saúde (SUS), tendo como objetivo prevenir, diagnosticar e tratar doenças oncológicas, adultos e infanto-juvenil, para a cidade de Mossoró e municípios circunvizinhos.

A população de estudo foi constituída pelos pais das

crianças portadoras de câncer que eram atendidas pela LMECC. Para coleta de dados, os pais foram escolhidos aleatoriamente, obedecendo ao critério da abordagem oportuna. Considerando-se uma população de 21 pais, a amostra foi não probabilística por conveniência, no qual trabalhou-se com a totalidade (n=21) adotando-se o total da população, num total de 21 pais.

Os critérios de inclusão utilizados no estudo foram: pais de crianças portadoras de câncer que realizam tratamento na LMECC; pais com idade maior de 18 anos. Por sua vez, os critérios de exclusão empregados foram: pais que não tinham condições físicas e ou psíquica para participar da entrevista e aqueles que não concordaram em participar do estudo.

O levantamento de dados foi realizado no mês de maio e junho de 2018. Foi adotado o formulário com perguntas abertas e fechadas enquanto instrumento de coleta de dados, elaborado com base em Machado<sup>(9)</sup> e Deus<sup>(10)</sup>. A primeira parte do formulário versou sobre dois pontos importantes. O primeiro deles estava relacionado a caracterização socioeconômica dos participantes da pesquisa, contendo dados sobre: idade; grau de parentesco; renda familiar; grau de escolaridade. O segundo ponto do formulário foi abordado questões fechadas e específicas sobre o uso de práticas integrativas e complementares em pelas crianças em tratamento oncológico: se faz uso de alguma prática integrativa, se ocorreu melhora na qualidade de vida da criança ao utilizar a práticas integrativas, se as crianças tiveram efeito colateral ao fazer uso delas; se sua indicação foi realizada por profissional de saúde e dentre outras.

Para detalhamento da pesquisa foi também utilizado o roteiro de entrevista semiestruturado para obtenção de informações presente na segunda parte do

formulário. Tinha-se o objetivo de compreender se os pais conheciam as PICs, por conseguinte, como eles faziam uso delas no cotidiano das crianças com câncer e se os pais acreditavam que o uso das práticas oferecia algum resultado. Nesta etapa, a pesquisadora associada utilizou um gravador para o registro das falas e posterior análise.

Os dados quantitativos foram organizados em tabelas de distribuição de frequência, sendo expressos em valores de frequência simples e porcentagem por meio do programa estatístico SPSS versão 23.0. E, posteriormente discutido a luz da literatura pertinente. Por sua vez, os dados qualitativos foram avaliados por meio da análise de conteúdo de Bardin<sup>(11)</sup>. (2009). Após análise das falas dos entrevistados foram identificadas categorias e subcategorias que serviram de base para nortear a discussão (Tabela 1).

A pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Faculdade de Enfermagem Nova Esperança (FACENE/FAMENE) sob o CAAE 88535118.5.0000.5179 e com o número do parecer 041964/2018.

## RESULTADOS

### Caracterização da amostra

A amostra foi composta de 21 pais, de ambos sexos, de crianças oncológicas com faixa etária de 1 a 15 anos de idade. Dos pais entrevistados 95,5% eram mulheres e apenas 9,5% homens (Tabela 2). Normalmente, as crianças em tratamento de câncer vão às consultas médicas acompanhadas pelas mães, já que estas, na maioria, assumem os cuidados das crianças enquanto o pai está em busca de emprego ou no trabalho. A presença da família na consulta médica inquestionavelmente desempenha o papel de agente de cuidado e atenção à saúde, além do enfoque à preservação da saúde e integridade da criança,

**TABELA 1 – Categorias e subcategorias das falas dos entrevistados. Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil, 2019.**

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
IDENTIFICAÇÃO DO USO DE PICs à Você conhece/faz uso das PICs?	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Relevante;</li> <li>✓ Não usa mas reconhece a importância das práticas;</li> <li>✓ Desconhecimento das PICs;</li> <li>✓ Práticas incipientes/ dificuldade de acesso.</li> </ul>
CONCEPÇÃO DE PICs à Qual a sua concepção sobre o uso das PICs no cotidiano das crianças com câncer?	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Abordagem natural</li> <li>✓ Modelo biopsicossocial</li> <li>✓ Fé e espiritismo</li> </ul>
EFICÁCIA à Você acredita que o uso das PICs oferta algum resultado?	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Êxito no tratamento</li> <li>✓ Alívio de dores</li> <li>✓ Sem efeitos colaterais</li> </ul>

Fonte: dados da pesquisa.

de maneira que, mesmo em situações de adoecimento, o discurso de famílias e profissionais tem como ponto de convergência a saúde e sua promoção<sup>(12)</sup>.

A renda familiar dos pais das crianças com câncer que foram entrevistados, de modo geral, variou na faixa de 1 a 3 salários mínimos (SM), estando em conformidade com dados do IBGE (2010), que consta como R\$ 1.835,80 o valor do rendimento nominal médio mensal dos domicílios particulares permanentes de Mossoró. Porém, a renda familiar da maior parte dos entrevistados (76,2%) foi de até 1 SM (Tabela 2). De acordo com dados do IBGE<sup>(13)</sup>, 50% dos trabalhadores brasileiros recebem por mês, em média, 15% menos que o salário mínimo. A crise econômica tem contribuído para o aumento da informalidade no mercado de trabalho, reduzindo a renda dos trabalhadores.

Há estudos que observam que as diferenças de ordem socioeconômicas podem ser consideradas como possíveis fatores causais e coadjuvantes de algumas doenças, fortalecendo associações entre a saúde e condição social. No entanto, pesquisas epidemiológicas sobre câncer e a desigualdade social devem ser elucidadas, pois há pouca evidência sobre quais fatores demonstram maior relevância para estudos da distribuição da doença. Evidencia-se que o acesso aos serviços de saúde especializado

interfere no diagnóstico precoce e na obtenção da cura das crianças em tratamento de câncer, principalmente aquelas que moram em pequenos centros urbanos<sup>(14)</sup>.

Em relação à escolaridade, observou-se uma maior representatividade nos ensinos básico e médio (47,6 e 33,3% respectivamente), condizente com as idades das crianças (Tabela 2).

### Práticas Integrativas e Complementares em Saúde no tratamento de câncer infantil

De acordo com dados da pesquisa, observou-se que 23,80% dos entrevistados relataram que as crianças com câncer utilizam as práticas integrativas e complementares em saúde durante o tratamento (Tabela 3).

No âmbito da oncologia, as crianças não utilizam as PICs no tratamento oncológico devido fatores como a escassez de divulgação da PNPICs para os pais e os responsáveis pelo acompanhamento das crianças; desconhecimento e a limitação do acesso a esses recursos na rede pública municipal e estadual do Rio Grande do Norte, assim como, o número ainda reduzido de profissionais de saúde, dentro do SUS, a realizarem tais práticas; baixa mobilização dos gestores municipais estaduais na implantação das PICs em centros de média e alta complexidade., quando utilizadas as PICs, Em casos raros,

**TABELA 2 – Variáveis socioeconômicas das crianças com câncer. Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil, 2019.**

Variáveis	Freq.	%
<b>Idade</b>		
0 a 5 anos	7	33,3
5 a 10 anos	6	28,7
10 a 15 anos	4	19,0
Acima de 15 anos	4	19,0
<b>Grau de parentesco</b>		
Mãe	19	90,5
Pai	2	9,5
<b>Renda familiar</b>		
Até 01 salário	16	76,2
01 a 03	5	23,8
03 a 06	0	0,0
06 a 12	0	0,0
Acima de 12	0	0,0
<b>Escolaridade</b>		
Ensino básico	10	47,6
Fundamental	1	4,8
Médio	7	33,3
Superior	3	14,3

Fonte: Dados da pesquisa

Legenda: Freq. – frequência simples; % - frequência relativa



**TABELA 3 – Variáveis utilização, melhoria na qualidade de vida, efeito colateral e indicação sobre o uso de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICs) pelas crianças com câncer. Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil, 2019.**

Variáveis	Freq.	%
Utilizam PICs durante o tratamento		
Sim	5	23,8
Não	16	76,2
Houve melhora na qualidade de vida?		
Sim	5	100
Não	0	0
As crianças tiveram efeito colateral?		
Sim	0	0
Não	5	100
Foi indicado por profissional de saúde?		
Sim	1	20
Não	4	80
Comunica ao médico que usa PICs?		
Sim	3	60
Não	2	40

Fonte: Dados da pesquisa

Legenda: Freq. – frequência simples; % - frequência relativa.

quando ocorre o seu uso, esse se dá em associação em associação com a quimioterapia e o tratamento cirúrgico e nos casos clínicos com pior prognóstico<sup>(15)</sup>.

Na realidade de Mossoró, ainda são poucos os serviços públicos de saúde que oferecem esse tipo de atenção. Os pais de crianças portadoras de câncer que, porventura, desejassem maior acesso e diversidade de práticas integrativas e complementares em saúde teriam que se deslocar para a capital do Estado, Natal, distante 263 Km. Em Natal, encontra-se o primeiro Centro de Referência em Práticas Integrativas e Complementares em Saúde, implantado em 2017.

Apesar do uso crescente e do seu reconhecimento por órgãos oficiais de saúde ainda, há poucos estudos e investimentos necessários que possam organizar e melhorar a percepção dos pacientes sobre o uso dessas formas terapêuticas e principalmente do seu uso nas doenças prevalentes da infância. Ainda são poucos os serviços que oferecem esse tipo de atenção, os investimentos em estudos e pesquisas ainda são limitados, a formação de profissionais se dá por uma busca pessoal e a informação e divulgação são limitadas ao ambiente de exercício das práticas<sup>(16)</sup>.

Ainda na Tabela 3, observou-se que do total dos entrevistados que utilizam as PICs, 100% destes relataram que o uso nas crianças com câncer melhorou a qualidade de vida destas. Este resultado está atrelado ao fato do uso das terapias da medicina integrativa em complemen-

to à medicina tradicional proporcionar mais bem-estar e qualidade de vida ao paciente oncológico.

Entre os principais benefícios obtidos por meio das práticas, estão: a redução do estresse, a regulação do sistema nervoso e respiratório, o equilíbrio do sono, o aumento da vitalidade psicofísica, o fortalecimento do sistema imunológico, o aumento da capacidade de concentração e de criatividade e a promoção da reeducação mental com consequente melhoria dos quadros de humor, o que reverbera na qualidade de vida dos praticantes<sup>(17)</sup>.

Vale salientar ainda que 100% dos sujeitos disseram não haver efeitos colaterais das PICs nas crianças durante o tratamento oncológico (Tabela 3). Os tratamentos convencionais para o câncer são extremamente agressivos ao organismo, causando diversos efeitos colaterais. Esses efeitos costumam ser combatidos por outras drogas, as quais normalmente causam novos danos ao organismo. O uso das PICs pode ser benéfico se usado junto ao tratamento convencional, aliviando sintomas ou efeitos colaterais, diminuindo a dor e oferecendo conforto psicológico ao paciente, sem causar novos prejuízos<sup>(18)</sup>.

Do total de crianças com câncer que utilizam as práticas alternativas durante o tratamento de câncer 80,0% não foi indicado por um profissional de saúde (Tabela 3). No entanto, 60% dos participantes da pesquisa disseram informar ao médico que as crianças usam as PICs. Apesar da maioria dos sujeitos da pesquisa comunicar o

uso das PICs em complemento ao tratamento de câncer ao profissional da saúde, sabe-se que grande parte dos pacientes ainda faz uso dessas práticas sem que os profissionais de saúde sejam informados. As razões são diversas e incluem a percepção da falta de interesse do médico em ouvir a respeito do assunto, a antecipação de uma reação negativa e a crença de que os médicos não possuem conhecimento e treinamento adequados a respeito de medicina alternativa. É importante entender o que os pacientes procuram nos tratamentos alternativos e como os escolhem<sup>(19)</sup>.

Observa-se na Tabela 4 que dentre as práticas alternativas citadas pelos entrevistados estão a: fitoterapia, musicoterapia e massagens. Conforme os dados, 80% das crianças fazem uso de algum fitoterápico durante o tratamento de câncer, ou seja, os resultados apontam que parte dos pacientes oncológicos em quimioterapia faz uso de plantas medicinais ou fitoterápicos como forma complementar ao tratamento. Em trabalho com o objetivo de verificar a prevalência de uso de plantas medicinais e fitoterápicos pelos usuários de um Centro de Alta Complexidade em Oncologia no Rio Grande do Sul<sup>(20)</sup>, citaram que as plantas mais utilizadas são *Annona muricata*, *Aloe vera*, *Euphorbia tirucalli*.

A indicação do uso de plantas medicinais entre a população é muito comum, sendo perceptível a necessidade de maiores informações para evitar os efeitos orgânicos indesejáveis. É importante saber que as plantas medicinais apresentam contraindicações, reações adversas, efeitos colaterais e potenciais interações medicamentosas. Deve ser desconstruído a imagem de inocuidade desses produtos e atentar a população para que se informem quanto ao nome científico, às indicações e contraindicações, o preparo, a via de administração e a dosagem adequada<sup>(21)</sup>.

Dentre os motivos pelos quais as crianças utilizam as PICs durante o tratamento de câncer, destaca-se o

complemento ao tratamento (60%) (Tabela 4). O termo complementar significa que a prática é utilizada em associação com a medicina convencional, ou seja, em conjunto com o tratamento médico padrão. A medicina complementar segue uma lógica associativa podendo ser eficaz quando usada em combinação com a medicina convencional. Quando combinadas com o cuidado convencional, as modalidades complementares podem estimular a efetividade e reduzir os sintomas adversos do câncer, podendo ajudar a aliviar alguns sintomas do câncer, aliviar os efeitos colaterais do tratamento ou melhorar a sensação de bem-estar do paciente<sup>(22)</sup>.

É nesse cenário que o uso das PICs, com seu amplo arsenal de recursos, pode contribuir para melhorar a qualidade de vida de crianças portadoras de câncer. Após análise das falas dos entrevistados foram identificadas três categorias que serviram de base para nortear a discussão, conforme apresentadas a seguir:

### O uso e aceitação dos pais pelas Práticas Integrativas e Complementares em Saúde

Essa categoria teve como objetivo identificar os pais que conhecem as PICS e, conseqüentemente, aqueles que usufruem de uma delas no tratamento de câncer dos seus filhos. A grande maioria dos pais destacaram que, além de conhecer as práticas, demonstram aceitação no seu uso, considerando-as relevantes para o tratamento dos seus filhos.

Eu como mãe sei sim, conheço, e acho que relevância dessas práticas na vida das crianças com câncer, pelo fato de ter usado no meu filho [...] (E3).

Conheço, como também as uso com o meu filho. São passos na forma de cuidar, seria bom, verdadeiramente se as PICS pudessem fazer parte da vida dessas crianças com câncer mais e mais (E7).

**TABELA 4 – Fins terapêuticos das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICs) usadas pelas crianças durante o tratamento de câncer. Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil, 2019.**

Variáveis	Uso de PICs	
	Sim (%)	Não (%)
Motivo do uso das PICs (Mal-estar)		
Sim	1 (20,0)	0 (0,0)
Não	4 (80,0)	16 (100,0)
Motivo do uso das PICs (Complemento ao tratamento)		
Sim	3 (60,0)	0 (0,0)
Não	2 (40,0)	16 (100,0)
Motivo do uso das PICs (Alívio de dor)		
Sim	1 (20,0)	0 (0,0)
Não	4 (80,0)	16 (100,0)
Motivo do uso das PICs (Indisposição)		
Sim	1 (20,0)	0 (0,0)
Não	4 (80,0)	16 (100,0)

Fonte: Dados da pesquisa

Legenda: % - frequência relativa



Conheço e sou suspeito em falar; utilizei das práticas integrativas em minha filha e vi claramente o resultado, basta comparar o antes e depois [...] (E10).

A crescente busca pelas PICS relaciona-se com uma necessidade não satisfeita das pessoas pela medicina convencional, especialmente pela toxicidade associada com o tratamento oncológico. É uma forma eficaz, segura e de baixo custo, que contribui para o autocuidado e reduz o uso de medicações, além de apresentar grande potencial nos cuidados paliativos. Muitos pacientes com câncer descobrem na medicina alternativa e complementar uma maneira de melhorar sua qualidade de vida, aumentar sua energia e melhorar sua imunidade<sup>(23)</sup>.

Apesar de algumas crianças não fazerem uso das PICS em complemento ao tratamento de câncer, os pais reconhecem a sua importância e desejam em fases mais intensas do tratamento utilizá-las. Diante dessa perspectiva, a procura por essas terapêuticas visa auxiliar o tratamento convencional e melhorar a qualidade de vida.

Eu não usei, desde o momento que eu descobri que minha filha tinha câncer, mas inclusive agora eu vou procurar, vou atrás, principalmente agora no tratamento as crianças ficam muito presas a quimioterapia, isso é horrível, muito enjoados, dores. Ai já pensei em utilizar nesse momento (E20).

Eu pouco conheço da maioria dessas práticas mas acho importante o uso dela nesse momento da quimioterapia que ela está passando, com dores. Chego em casa procurando algo p fazer e aliviar as dores (E13).

O pouco conhecimento dos entrevistados sobre as PICS no tratamento de crianças oncológicas, particularmente, se deve a escassa divulgação da PNPICs no território brasileiro e sua pouca representatividade em serviços de alta complexidade. Embora, a inserção das PICS esteja atrelada a Atenção Básica, os serviços de média e alta complexidade podem, também, favorecer sua expansão, proporcionando maior qualidade no tratamento oncológico das crianças. As principais finalidades do uso das terapias complementares, utilizadas por instituições hospitalares em pacientes oncológicos e em cuidados paliativos foram: complementação do tratamento clínico e o alívio dos sintomas, em especial destacaram a ansiedade (100%), seguida da depressão e dor, ambas com 83%<sup>(8)</sup>.

Houve pais que consideraram as PICS como sendo práticas incipientes e de difícil acesso: “acho importante sim, que estas PICS sejam usadas nessas crianças com câncer e que fosse há mais tempo, porque nós não temos recursos, a maioria consegue particular”.

Apesar da PNPIC incentivar a implantação das PICS no âmbito do SUS, não define quais ações e recursos são

necessários para tal, dificultando sua consolidação e tornando sua implantação, frente a tais condições, um desafio<sup>(24)</sup>. Portanto, estas limitações e desafios restringem o acesso da população às práticas, necessitando que haja uma articulação mais efetiva entre os gestores e profissionais de saúde para consolidá-las e ampliá-las dentro da Rede de Atenção à Saúde.

### Concepção dos pais sobre as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde

Não é por necessidade de saúde que a população vem procurando as Práticas como forma de recuperação da saúde, “Afim, temos o que há de mais moderno e avançado na medicina, tanto no SUS como no sistema privado”<sup>(25)</sup>. E sim, por vontade de afirmar uma identidade de cuidado oposta à prática de cuidado feita de forma muitas vezes desumana.

Os entrevistados levam em consideração as PICS como sendo o tratamento do “ser” e não só de doenças ou patologias, como no modelo biomédico, como aborda E1: “Eu acho um primeiro passo para a gente conseguir avançar, no sentido de nossas crianças terem o melhor no tratamento fora do consultório médico”. Outro sujeito reforça este pensamento:

A gente que tem crianças doentes de câncer, então, devemos descobrir que doença não é só os tratamentos médicos. Esses médicos acham que são eles os donos da verdade, que as crianças com câncer não dependem do outro ou do medicamento e acho que aí onde as PICS podem ser importantes (E18).

A significativa busca por tais práticas como alternativa terapêutica tem vários motivos, entre eles, a procura por outras formas de cuidado, o interesse crescente por um cuidado integral e preventivo e a melhor qualidade de vida nos casos em que a cura não é possível de ser alcançada. As PICS, em geral, se contrapõe à visão altamente tecnológica de saúde que impera na sociedade de mercado, dominada por convênios de saúde cujo objetivo precípuo é gerar lucro e fragmentar o tratamento do paciente em especialidades que não dão conta da totalidade do ser humano em busca de remédio para seus males<sup>(25)</sup>. Essa concepção está presente na fala de parte dos entrevistados:

É importante as PICS no cotidiano das crianças sim, porque essas crianças não necessitam só de um cuidado clínico ou de um olhar de um especialista médico (E2).

Eu pouco conheço da maioria dessas práticas, mas acho importante o uso delas nesse momento, saindo um pouco da sala da médica onde as crianças ficam limitadas (E13).

A utilização das PICS caracteriza como modelo essencial promovendo um sistema natural de prevenção,

controle terapêutico e de cura na população, valorizando o sujeito que está acometido pela doença, respeitando sua história de vida, sua forma de lidar com a doença, medos e anseios<sup>(26)</sup>.

[...]. Essas PICS são sim muito importantes, essas abordagens naturais no tratamento dessas crianças podem mudar e muito a forma do tratamento, ne? (E9).

Acho importante essas PICS por conta de resgatar como que nossos avós cuidavam da saúde e para essas crianças que passam por esse momento (E8).

Assim, as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICs) são estratégias e recursos terapêuticos que buscam estimular os mecanismos naturais de prevenção de doenças e da recuperação da saúde, utilizando-se de tecnologias leves, eficazes e seguras em ações integradas que contribuem para a vida e promoção à saúde<sup>(25)</sup>.

Alguns pais, relataram ainda que a utilização das práticas integrativas em seus filhos pode contribuir de forma positiva para o tratamento de câncer, porém acreditam que a religião, crenças e práticas religiosas podem ser determinantes do processo saúde-doença:

Acho importante mais prefiro pedir a Jesus o alívio no momento em que meu filho chora de dor, mas considero importante essas PICS e que irá ajudar bastante a passar as dores (E17).

Pra mim essas PICS são perfeitas pra crianças que estão passando por quimioterapia, minha filha adora desenhar, pintar, e faço chá pra ela, são muitas dificuldades encontradas e essas PICS são boas por isso, você acreditando em Deus e tendo a fé, elas podem te dar a cura (E16).

Algumas práticas religiosas trazem efeitos benéficos de saúde (física e mental), pois proporcionam reflexões nos membros da família e, têm um papel importante na prevenção de doenças, mas as práticas religiosas e os serviços de saúde devem ser associadas, pois a espiritualidade colabora para melhorar a saúde, devido a fatores como o respeito ao corpo, gerando melhor nutrição e hábitos de vida, melhorando estratégias para lidar com dificuldades, reduzindo o estresse e equilibrando as funções orgânicas controladas pelo sistema nervoso<sup>(26)</sup>.

### A eficácia das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde

De acordo com o discurso dos entrevistados referente à eficácia das PICs no tratamento do câncer em crianças, surgiram três percepções, a saber: os pais destacam as práticas alternativas como ferramenta para o êxito do tratamento; para o conforto e alívio das preocupações e

do estresse do tratamento e por fim, como mecanismo para evitar os efeitos colaterais. As falas abaixo demonstram a primeira percepção:

Eu como mãe sei sim a relevância dessas práticas na vida das crianças com câncer, pelo fato de ter usado no meu filho, no exame foi constatado que as células tumorais haviam diminuído, com isso abriu uma expectativa de vida pra meu filho (E3).

Sou suspeito em falar, utilizei das PICS em minha filha e vi claramente resultados, basta comparar o antes e depois, o tratamento é muito doloroso, forte, quando utilizado essas PICS ficam com disposição, energia (E10).

Diante do sentimento de ansiedade e preocupação, causadas pela doença, as mães sentem estimuladas a promover a cura em seus filhos. Elas, então, encontram nas PIC a primeira alternativa para iniciar os cuidados de maneira rápida, fácil, confiável e na forma de terapia complementar. Nessa perspectiva, estudos abordam as PICs no tratamento do câncer pediátrico com a elevada utilização de suco de frutas vermelhas, suplementos nutricionais, massagens, orações, hipnose, terapia de arte e musical como terapias eficazes para a melhoria da saúde e do bem-estar das crianças em tratamento de câncer<sup>(23)</sup>.

Os demais entrevistados abordaram o a diminuição da sensação dolorosa, proporcionando alívio e conforto:

Eu uso o chá. O tratamento é muito forte as crianças saem com dores, cólicas e diarreia. Essa prática só tem melhorado meu filho ele fica mais relaxado, aliviado das doeres (E15). O tratamento fica mais leve, com as massagens percebo ele menos doloroso, sinto meu filho mais feliz quando utiliza, mesmo estando doente eu mesmo utilizo no meu filho e sei o quanto ele sente um alívio com as dores depois das quimioterapias (E4).

As razões mais comuns que levam as pessoas a procurar abordagens integrativas são: lidar com efeitos colaterais dos tratamentos; buscar o próprio conforto e alívio das preocupações e do estresse do tratamento; sensação do paciente de estar fazendo algo a mais para ajudar em sua própria cura; tentar tratar ou curar o câncer; adotar uma filosofia de saúde holística ou uma experiência transformadora que mude a visão de mundo<sup>(22)</sup>.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo se justificou pela escassez de estudos existentes sobre o uso de PICs no Brasil, mais especificadamente em crianças com câncer, sobretudo porque práticas da Medicina Tradicional, ainda não são bem divulgadas, além disto, são pouco abordadas pelos profissionais de saúde, que se prendem ao modelo biomédico.



Nesse estudo, alguns destaques foram observados: o primeiro, que a PIC mais utilizada pelas crianças oncológicas é a fitoterapia. Porém, o uso de plantas medicinais exige muita cautela, pois a representação de que o natural não faz mal precisa ser analisada e essa análise interessa de modo especial, ao uso de plantas no tratamento de câncer.

O segundo, que relaciona o uso de PICs com as melhoras dos efeitos colaterais decorrentes do tratamento convencional, como: náuseas, ansiedade, fraqueza, qualidade do sono e apetite, melhorando consequentemente, a qualidade de vida dos pacientes. O terceiro, que as

crianças fazem uso de PICs com caráter totalmente adjuvante ao tratamento convencional, complementando-o e aliviando seus efeitos colaterais, e nunca com intenção de substituí-lo, estando cientes da sua importância e eficácia. Além disso, os pais destacam as práticas alternativas como ferramenta para o êxito do tratamento; para o conforto e alívio das preocupações e do estresse do tratamento e por fim, como mecanismo para evitar os efeitos colaterais. Dessa forma, estudos posteriores são necessários para avaliar os tipos e as particularidades do impacto do uso de PICS na evolução do tratamento de crianças com câncer.

## REFERÊNCIAS

1. Fischbom AF et al. A política das práticas integrativas e complementares do SUS: o relato de experiência sobre a implementação em uma unidade de ensino e serviço de saúde. *Cinergis* [Internet]. 2016 [acesso em 12 nov 2018]; 17(4): 358-63. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:x8zsnGpgGkcj:https://online.unisc.br/seer/index.php/cinergis/article/view/8149+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>
2. Miotto, P. Práticas integrativas e complementares na atenção primária: efeitos sobre os sintomas da síndrome climatérica. 2018. Trabalho de conclusão de curso (Residência Multiprofissional em Saúde da Família) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2018.
3. Alves KYA et al., Práticas integrativas e complementares no tratamento oncológico e o papel da enfermagem. *Rev. Fundam. Care.* [Internet]. 2015; [acesso em 15 nov 2018]; 7(4): 3163-3174. Disponível em: [http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/3291/pdf\\_1688](http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/3291/pdf_1688)
4. Dacal MPO, Silva IS. Impactos das práticas integrativas e complementares na saúde de pacientes crônicos. *Saúde debate.* [Internet]. 2018; [acesso em 15 nov 2018]; 42(118): 724 - 735. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0103-11042018000300724&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-11042018000300724&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)
5. Tesser CD, Souza IMC, Nascimento MC. Práticas Integrativas e Complementares na Atenção Primária à Saúde brasileira. *Saúde Debate.* [Internet]. 2018; [acesso em 28 nov 2018]; 42(spe1): 174 - 188. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-11042018000500174&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042018000500174&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)
6. Brasil. Ministério da Saúde. Portaria n° 702, de 21 de março de 2018. Altera a Portaria de Consolidação n°2/GM/MS, de 28 de setembro de 2017, para incluir novas práticas na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares – PNPIC. Brasília (DF); 2017. Disponível em: <http://www.brasilsus.com.br/images/portarias/marco2018/dia22/portaria702.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2018.
7. Brasil, Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. ABC do câncer: abordagens básicas para o controle do câncer. Rio de Janeiro: Inca, 2017.
8. Caires JS. Utilização das terapias complementares nos cuidados paliativos: benefícios e finalidades. *Cogitare Enferm.* [Internet]. 2014; [acesso em 02 dez 2018]; 19(3): 514-20. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/33861>
9. Machado, LCB. Práticas integrativas e complementares no tratamento de crianças e adolescentes com diabetes melito tipo 1: construção de um perfil. 2012. [dissertação]. Salvador: Universidade Federal da Bahia; 2012.
10. Deus, RL. Trabalhadores da atenção primária à saúde e práticas integrativas e complementares - do uso à indicação. [dissertação]. Minas Gerais: Universidade Federal de Juiz de Fora; 2016.
11. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 2010.
12. Assis WC, Britto FR, Vieira LO, Santos ES, Boery RNSO, Duarte ACS. Novas formas de cuidado através das práticas integrativas no Sistema Único de Saúde. *Rev Bras Promoç Saúde.* [Internet]. 2018; [acesso em 09 dez 2018]; 31(2): 1-6. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/7575>
13. IBGE. Características da população e dos domicílios: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=240800&idtema=132&search=rio-grande-do-norte%7Cmossoro%7Csistema-nacional-de-informacao-de-genero-uma-analise-dos-resultados-do-censo-demografico-2010>. Acesso em: 22 out. 2018.
14. Silva LF, Cabral IE. Cancer repercussions on play in children: implications for nursing care. *Texto & Contexto – Enfermagem.* [Internet]. 2014; [acesso em 27 nov 2018]; 23(4): 935-943. Disponível em:
15. Brahmi A.S et al. Complementary medicine use among Moroccan patients with cancer: a descriptive study. *Pan African Medical Journal.* [Internet]. 2011; [acesso em 27 nov 2018]; 10(36). Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22187618>
16. David, N.S.R.P. Autoavaliação integrativa da gestão do cuidado: sentidos e significados das PICS em Nísia Floresta. [dissertação]. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2016.
17. Souza IMC, Tesser CD. Medicina tradicional e complementar no Brasil: inserção no Sistema Único de Saúde e integração com a atenção primária. *Cad Saúde Pública.* [Internet] 2017; [acesso em 23 out 2018]; 33(1): 01-15. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2017000105006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2017000105006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)
18. Beatty L et al. Why people choose to not use complementary therapies during cancer treatment: a focus group study. *Eur j cancer care (Engl).* [Internet] 2012; [acesso em 28 set 2018]; 21(1): 98 -106. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/21848581>
19. Pereira RDM et al. Práticas integrativas e complementares de saúde: revisão integrativa sobre medidas não farmacológicas à dor oncológica. *J Nurs UFPE on line.* [Internet]. 2015; [acesso em 13 set 2018]; 9(2): 710- 719. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br>
20. Molin GTD, Cavinatto AW, Colet CFC. Utilização de plantas medicinais e fitoterápicos por pacientes submetidos à quimioterapia de um centro de oncologia de Ijuí/RS. *O Mundo da Saúde.* [Internet]. 2015; [acesso em 11 nov 2018]; 39(3): 287-298. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoesaude/article/view/1562>
21. Silva TSC. Crianças e adolescentes em cuidados paliativos oncológicos: a intervenção do Serviço Social junto às suas fa-

- mílias. R. Pol. Públ. [Internet]. 2010; [acesso em 09 dez 2018]; 14(1): 139-146. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/365>
22. Siegel P, Barro NF. O que é a Oncologia Integrativa? Cad. Saúde Colet. [Internet]. 2013; [acesso em 24 out 2018]; 21(3): 348-54. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-462X2013000300018&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-462X2013000300018&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)
23. Lima, J.F et al. Uso de terapias integrativas e complementares por pacientes em quimioterapia. Av Enferm, [Internet]. 2015; [acesso em 15 nov 2018]; 33(3): 372-380. Disponível em: [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0121-45002015000300005](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-45002015000300005)
24. Losso LN, Freitas SFT. Avaliação do grau da implantação das práticas integrativas e complementares na Atenção Básica em Santa Catarina, Brasil. Saúde debate. [Internet]. 2017; [acesso em 25 out 2018; 41(3): 171-187. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-11042017000700171&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042017000700171&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)
25. Telesi Júnior E. Práticas integrativas e complementares em saúde, uma nova eficácia para o SUS. Estudos Avançados. [Internet]. 2016; [acesso em 02 jul 2018. 30(86): 99-112. Disponível em:
26. Bousso RS, Poles K, Serafim TS, Miranda MG. Crenças religiosas, doença e morte: perspectiva da família na experiência de doença. Rev. Esc. Enferm. [Internet]. 2011; [acesso em 10 nov 2018; 45(2): 397-403. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0080-62342011000200014](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000200014)

Recebido:2020-03-19

Aceito: 2020-05-20